



**ANAIS DO CONGRESSO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA
FACULDADE PROCESSUS**

ISSN: em fase de emissão

Ano I, Vol.I, n.2, jul./dez., 2019.

Editor Responsável: Me. Jonas Rodrigo
Gonçalves

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ABANDONO DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES NO BRASIL E A RESPONSABILIDADE DO ESTADO**

***Brief Considerations about Child abandonment and Teenagers in Brazil
and the
State Responsibility***

***Breves Consideraciones sobre el abandono de Niños y Adolescentes em
Brasil y la
Responsabilidad del Estado***

*Samuel Costa da Silva*¹

Resumo

É antigo o problema de abandono de crianças no Brasil, tanto quanto sua história. Já no período colônia é possível perceber um grande número de crianças entregues à própria sorte nas ruas das maiores cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Eram crianças nascidas de mães solteiras negras, índias ou mestiças, oriundas de classe social pobre. Desde então, os governos federal, estadual e municipal do país, bem como algumas organizações não governamentais têm buscado formas para eliminar ou, pelo menos, diminuir este problema social. O crescimento das cidades, o aumento da pobreza e a dependência química dos progenitores são alguns fatores que têm colocado crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, empurrando-as gradativamente à exclusão social.

Palavras-chave

¹ Samuel Costa da Silva é Doutor em Sociologia, Mestre em Teologia / Docente da Faculdade Processus.

Menor abandonado, situação de risco, vulnerabilidade, políticas públicas.

Abstract

The problem of abandonment of children in Brazil is old, as well as its history. Right in the colonial period, it was possible to notice a great number of children left to themselves in the streets of the biggest cities such as Rio de Janeiro, Salvador and Recife. They were children born to single mothers who were either black, Indian or mestizas, coming from the lower social classes. Since then, the federal, state and municipal governments of the country, as well as some non-governmental organizations, have been looking for ways to eradicate or, at least, alleviate this social problem. The growth of cities, the increase of poverty and the chemical dependency of progenitors are a few factors that have put children and teenagers in situations of risk and vulnerability, gradually pushing them towards social exclusion.

Keywords

Minor abandoned, risky situation, vulnerability, public policy.

Resumen

El problema del abandono infantil en Brasil es tan antiguo como su historia. Ya en el período de la colonia es posible observar a un gran número de niños entregados a su suerte en las calles de las principales ciudades como Río de Janeiro, Salvador y Recife. Eran niños nacidos de madres solteras negras, indias o de raza mixta, que provenían de una clase social pobre. Desde entonces, los gobiernos federales, estatales y municipales del país, así como algunas organizaciones no gubernamentales, han estado buscando formas de eliminar o al menos reducir este problema social. El crecimiento de las ciudades, el aumento de la pobreza y la dependencia química de los padres son algunos factores que han puesto en riesgo y vulnerabilidad a los niños y adolescentes, empujándolos gradualmente a la exclusión social.

Palabras-clave

Menor abandono, situación de riesgo, vulnerabilidad, política pública.

O termo “menor abandonado” faz referência às crianças ou adolescentes que não têm pais ou responsáveis para suprir suas necessidades básicas como moradia, educação, afeto, segurança etc. Crianças e adolescentes abandonados por seus pais não são um problema exclusivo do Brasil. De acordo com relatório em direitos humanos apresentado recentemente na ONU, atualmente há milhões de crianças em situação de abandono no mundo. Representantes da ONU anunciaram recentemente: “Abandonadas, descartadas, rejeitadas e jogadas fora: mais de 150 milhões de crianças em situação de rua em todo o mundo sofrem grandes privações e violações de direitos, com pouca ou nenhuma consideração dada ao seu maior interesse”². O problema existe em diversas partes do planeta e revela que a questão deve ser tratada com cuidado e de modo amplo, pois o empobrecimento mundializado e as desigualdades sociais tendem a aumentar, se não houver um redirecionamento da economia,

² ONU BR, Nações Unidas no Brasil, 2015.

bem como das políticas públicas governamentais, principalmente nos países pobres ou em desenvolvimento³.

É antigo o problema de abandono de crianças no Brasil, tanto quanto sua história. Já no período colônia é possível perceber um grande número de crianças abandonadas nas ruas das maiores cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Eram crianças nascidas de mães solteiras negras, índias ou mestiças, oriundas de classe social pobre. Desde o século XVIII, é possível observar o abandono de crianças no Brasil, uma vez que muitas mães e famílias, sem condições de criar seus filhos, largava-os nas ruas, deixando claro que a pobreza extrema é um fator crônico na história do Brasil, desde sua origem. “No século XVIII, houve um crescimento da população livre e pobre e junto com ele o abandono de crianças, ao desamparo pelas ruas e lugares imundos, segundo os Anais do Rio de Janeiro de 1840.” (DEL PRIORE, 1989. p. 48).

Essas crianças abandonadas já no período colonial às vezes eram adotadas por alguma família, assumindo a identidade de “filho de criação”. O principal fator que levava uma mãe a abandonar o filho no período colonial era a gravidez ainda solteira. Numa época em que as sanções religiosas eram bastante rígidas e os costumes implacáveis com os que se desviavam do *status quo*, tornou-se um triste fato a presença de crianças abandonadas por mães solteiras e pobres, após já terem sido abandonadas também pelos pais. Mães solteiras eram penalizadas sob um processo de discriminação e preconceito na sociedade brasileira do século XVIII, que não admitia que solteiras engravidassem, tivessem seus filhos e os criassem.

As práticas de abandono de crianças circunscreviam-se ao espaço urbano das vilas. Na zona rural, onde residia a maioria da população, é de se supor que o abandono também existisse, mas não dispendo de informações sistemáticas sobre suas formas, podemos apenas inferir a ocorrência de migração do abandono rural para as vilas e cidades, a exemplo do que ocorreu na Europa.⁴

Nesse período, o abandono de menores nas ruas se fazia por causa da “vergonha social” a que eram submetidas as mães solteiras, diante da ausência do genitor. Tanto o governo português quanto o governo brasileiro acabavam incentivando o concubinato e, conseqüentemente, o crescimento do número de filhos ilegítimos, sendo que muitos desses eram abandonados nas ruas ou nas rodas⁵ para serem adotados por alguma família que se interessasse.

Os homens “não gostavam de casar para toda a vida”, mas de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras.⁶

³ DAVIS, Mike. Planeta Favela, 2006.

⁴ TRINDADE, Judite Maria Barboza, 1999.

⁵ “Roda” era o nome pelo qual eram chamadas as “Misericórdias”, também conhecidas por “Santas Casas”. Ali, as crianças indesejadas eram entregues para serem cuidadas por religiosos. Destinavam-se a preservar o anonimato da caridade cristã na Idade Média e passou a ser utilizada para acolher recém-nascidos abandonados, em muitos casos ilegítimos. Para entender melhor o processo de adoção por meio da roda no Brasil leia OLIVEIRA, H. L. P. Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887). São Paulo, PUC-SP, 1990.

⁶ FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, p. 390.

É possível detectar grandes fatores que, de alguma forma, contribuem para o aumento da orfandade e abandono de crianças e adolescentes no Brasil. Esses fatores podem ser vistos a seguir.

Fatores sociais propensores ao abandono de crianças e adolescentes

Primeiramente, é preciso considerar o fenômeno da urbanidade. O problema do abandono de crianças no Brasil se intensifica, a partir da revolução industrial. Conquanto, a revolução industrial tenha se originado na Inglaterra, entre 1780 e 1860, seus efeitos chegaram ao Brasil logo no início do século XX. A partir de então, as fábricas começaram a se instalar nas grandes cidades e milhares de famílias brasileiras, em busca de melhores condições de vida, deixaram o campo e se mudaram para o meio urbano provocando um intenso êxodo rural. Com o aumento do volume populacional, não tendo infraestrutura adequada, as cidades transformaram-se em centros de problemas sociais, entre os quais, o alto número de alcoolismo, surtos epidêmicos de tifo, tubérculo e cólera, além da violência, que passou a fazer parte da rotina urbana, ao lado do crescente número de prostituição no entorno das fábricas. Jungido a esses fatores vieram outros, como o desemprego em massa, uma vez que as máquinas custavam bem menos que um trabalhador comum e produziam excessivamente mais. Um grande número de famílias, agora morando nas cidades impulsionadas pela indústria, perdeu a renda advinda do emprego, colocando-as nos estratos sociais mais baixos da sociedade brasileira de sua época.

Nesta nova configuração de produção de trabalho industrial, aqueles que conseguiram se manter empregados passaram a trabalhar mais e a receber salários menores, por jornadas de até doze horas de trabalho diário. Pais e mães tiveram que deixar os filhos à mercê do cuidado de familiares ou ao cuidado de irmãos mais velhos. Outros tantos, não tendo quem os assistisse ficavam sós em casa durante a jornada de trabalho dos pais, outros passaram a ocupar as ruas. Trindade afirma que nesse período, “no Brasil dos séculos XVIII e XIX, o abandono e exposição dos recém-nascidos foi frequente nas principais cidades e vilas, levando à instalação das rodas”.⁷ “Rodas” eram as casas que, inicialmente, servindo para manter no anonimato aqueles que contribuíam com a caridade, mais tarde passou a ser utilizada para acolher recém-nascidos abandonados.

Portanto, tratar de crianças abandonadas no Brasil é tratar de um fenômeno arraigado na cultura do país desde seus primórdios e, infelizmente, tratada como coisa comum. O número de crianças abandonadas cresce à medida que também crescem as cidades, bem como o empobrecimento populacional. Não há registro de crianças abandonadas no meio rural.

Outro fator que contribui para o abandono de crianças no Brasil é a pobreza, principalmente a pobreza extrema. Os números indicativos da pobreza no país não são pequenos. Não obstante, os esforços dos governos nos últimos anos, é possível detectar bolsões de pobreza em várias regiões do Brasil, principalmente nas grandes capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Recife. A miséria tem assumido índices alarmantes.

De acordo com o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), ligado ao Banco Mundial, são considerados extremos pobres as pessoas que vivem com U\$ 1,25 por dia. Estes estão abaixo da linha da pobre-

⁷ TRINDADE, Judite Maria Barboza, p. 5.

za, ocupando o estrato social da “extrema” pobreza. Já o Ministério do Desenvolvimento Social tem definido que os que vivem na zona da pobreza são os que têm renda mensal familiar de apenas R\$ 140,00.

Não são poucos os brasileiros vivendo em extrema pobreza. Cálculos do Ministério do Desenvolvimento Social estimam em 16 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, o que revela a grande desigualdade social no país. De acordo com o índice de Gini, escala que define a distribuição de renda e desigualdade social, o Brasil alcançou o índice de 0,515 em 2016, numa escala de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de zero, menor a desigualdade social. Isso significa que o Brasil está entre os países com maior desigualdade social, como Suazilândia, país africano, e abaixo de países da América Latina, como Chile e México. O índice de Gini do Brasil revela a gravidade do problema no país. De acordo com o Banco Mundial, nos próximos anos haverá um aumento dos que ficarão abaixo da linha da pobreza e comporão o quadro dos sobreviventes em extrema pobreza.

Os dados são preocupantes, considerando que, de acordo com o relatório do Bird, parcela dos que ficarão abaixo da linha da pobreza provavelmente será composta de adultos, moradores de áreas urbanas, principalmente do Sudeste, qualificados e que antes trabalhavam no setor de serviços. Isso significa que muitas crianças ocuparão as ruas do país para ajudar os pais em seu trabalho informal, em busca de sobrevivência diária, vendendo produtos de baixo valor econômico. É preciso considerar que muitas crianças ficarão abandonadas à própria sorte. Nesse caso específico de pobreza ou pobreza extrema, o programa Bolsa-Família é uma política pública que coopera para que as crianças não tenham de ir para as ruas, em busca de alimentação.

É preciso considerar ainda a carência de políticas públicas de qualificação profissional. Uma efetiva falta de políticas públicas que viabilizem uma melhor qualificação profissional dos brasileiros nos estratos sociais mais simples tem dificultado a solução do problema do abandono de crianças. Os que ocupam os estratos sociais mais baixos continuam não tendo acesso a uma sólida qualificação profissional. Também não têm assistência médica, planejamento familiar; falta-lhes educação e a possibilidade de ter ao menos uma refeição diária pra si e seus filhos. O Brasil ainda é um país de muitos projetos e pouca efetividade na concretização de ações que de fato resolvam ou, pelo menos, dirimam seus problemas sociais. Dados do Pnad/IBGE, publicado em 2016, ainda há no Brasil 8% de analfabetos, apesar dos inúmeros esforços federais.⁸ Adultos analfabetos e desqualificados profissionalmente têm mais chances de abandonarem os filhos à própria sorte.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) substituiu os antigos métodos de alfabetização, mas não resolveu o problema, apesar de ter trazido alguns resultados positivos ao país. O MOBRAL foi instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968,⁹ conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967.¹⁰ Nos últimos cinquenta anos houve alguns

⁸ Pesquisa realizada pelo IBGE sobre a atual condição do analfabetismo no Brasil. Pode ser encontrada em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em: 30/09/17.

⁹ Decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968. Institui a fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

¹⁰ Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos.

avanços nessa área, mas a parcela significativa do Brasil, da ordem de 8%, ainda não sabe sequer escrever o próprio nome.

A não qualificação do trabalhador brasileiro é um dos fatores a se considerar, ao tratar do abandono de crianças, pois progenitores sem qualificação, sem condições de empregabilidade e jogados na miséria absoluta não têm opção, senão entregar os filhos a quem se dispuser a cuidar deles ou abandoná-los nas ruas das cidades. Em números absolutos, “o Brasil ainda tem 12,9 milhões de analfabetos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada (...) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”.¹¹ Progenitores em miséria e sem uma mínima condição de cuidar de seus filhos, associado à falta de planejamento familiar e sem condições de educação e segurança lançam os filhos à própria sorte, restando-lhes a rua como opção de sobrevivência.

Por fim, mas não menos importante, é preciso observar a relação existente entre o abandono de crianças e a dependência química. Obviamente, esse não é um problema específico dos estratos sociais mais baixos. Em quaisquer classes sociais, o fenômeno da drogadição pode ser observado, contudo, é nas classes sociais inferiores que a droga produz suas maiores vítimas, pois, não tendo recursos econômicos sequer para a própria alimentação, restalhes inclinarem-se socialmente em absoluta prostração, sem qualquer expectativa de mudança no histórico de sua existência.

Atualmente, 80% dos encaminhamentos de menores aos abrigos do Estado são feitos tendo como origem, a dependência química dos pais¹², o que significa que a droga tornou-se outro fator preponderante ao tratar da questão do abandono de crianças no Brasil. A grande maioria das 46 mil crianças e adolescentes atualmente vivendo em abrigos no Brasil está ali por causa da dependência química dos pais. Em 2012 e 2013, a cada dia 38 meninas e meninos de até 15 anos de idade foram vítimas de abandono ou negligência, segundo dados do Mapa da Violência 2014.¹³

A dependência química dos pais tem levado muitas crianças a terem como opção apenas os abrigos fornecidos pelo Estado. Contudo, a despeito dos esforços do Estado, é grande a defasagem entre os números de crianças necessitadas e as casas de abrigos. Em 2014, quando foi realizado o último levantamento, apenas 20% dos municípios brasileiros tinham abrigos cadastrados pelas autoridades.¹⁴

Os dependentes químicos, principalmente os de crack, tornam-se violentos ou se transformam em seres inertes, sem qualquer empatia, podendo ser encontrados vagando pelos espaços urbanos, de modo que quando os pais se tornam dependentes, poucos são os familiares que se dispõem a ficar com seus filhos, pois em geral todos não têm recursos, restando aos filhos de dependentes químicos em pobreza, abrigarem-se sob a proteção do Estado.

Considerações finais

¹¹ SALES, Robson; SARAIVA, Alessandra. O Brasil tem 12,9 milhões de analfabetos. Valor Econômico. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4787959/brasil-tem-129-milhoes-de-analfabetos-aponta-pnad> Acesso em: 19/09/2017.

¹² O Globo, 24/02/2014.

¹³ O Globo, 24/02/2014.

¹⁴ MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Para mais informações acesse o site do Sistema Único de Assistência Social: <http://www.mds.gov.br/suas>

É preciso considerar a diminuição desse problema social ou, quiçá, sua eliminação mediante tratamento intensivo por parte do Estado nas áreas mencionadas. Para tanto, o Estado precisa investir em políticas públicas que efetivamente resolvam problema. A educação formal da população mais pobre é uma das ações esperadas no combate à pobreza, pois a qualificação profissional é essencial àqueles que estão abaixo da linha de pobreza.

Investimentos do Estado em planejamentos urbanísticos para conceder melhores condições às famílias, desde moradias minimamente habitáveis até espaços de lazer para a população, também contribuirão para dirimir o fenômeno do abandono de crianças e adolescentes.

É preciso ainda tratar a segurança pública de forma emergencial e preventivamente. Aplicar sanções negativas a traficantes e usuários de drogas é essencial para conter o problema das drogas, e o conseqüente abandono de crianças, mas não resolverá o problema se não estiver associado a políticas de prevenção, que passam tanto pela instrução de crianças nas escolas, quanto pelo auxílio no planejamento familiar.

Referências

- BANCO MUNDIAL. Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/search>
- CARVALHO, Cleide; URIBE, Gustavo. **Droga é a maior causa de abandono de crianças**. Jornal O Globo, 24/02/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/droga-a-maior-causa-de-abandono-de-criancas-11693322> Acesso em: 23/08/2017.
- DAVIS, Mike, **Planeta Favela**. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil: raízes históricas do machismo brasileiro, a mulher no imaginário social, "lugar de mulher é na história"**. São Paulo: Contexto, 1989.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 48ª Ed. São Paulo: Global, 2003.
- JORNAL O GLOBO. **Cademo Economia**. Brasil terá até 3,6 milhões de 'novos pobres' em 2017, diz Bird. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brasil-tera-ate-36-milhoes-de-novos-pobres-em-2017-diz-bird.ghtml> Acesso em 12/09/2017.
- TRINDADE, Judite Maria Barboza,. **O abandono de crianças ou a negação do óbvio**. Revista Brasileira de História. Vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100003 Acesso em: 23/08/2017
- ONU BR - Nações Unidas no Brasil. **Abandonadas e descartadas: mais de 150 milhões de crianças vivem nas ruas**. Autoria não identificada. Publicado originalmente em: 10/04/2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/> Acesso em: 23/08/2017.
- SALES, Robson; SARAIVA, Alessandra. O Brasil tem 12,9 milhões de analfabetos. **Valor Econômico**. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4787959/brasil-tem-129-milhoes-de-analfabetos-aponta-pnad>. Acesso em: 19/09/2017.